

PORTUGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLA GRAY

Director - Ricardo Severo
Redactor em chefe - Rocha Peixoto
Secretario - Fonseca Cardoso

MEMORIAS

	Pags.
M. Vieira Natividade	
F. Adolpho Coelho	
Theophillo Braga	
Sousa Viterbo	
José da Silva Picão	
Alberto Sampaio	
— GRUTAS DE ALCOBACA (com 237 figuras em XXIV estampas)	433-474
— A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUES (continuação)	475-496
— SOBRE GRAVURAS DOS LIVROS POPULARES (com 46 gravuras)	497-512
— ADAGIARIO PORTUGUEZ	513-534
— ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO (com 5 grav., continuação)	535-548
— AS "VILLAS" DO NORTE DE PORTUGAL (continuação)	549-584

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

Rocha Peixoto	— <i>Uma iconographia popular em azulejos</i> (com 10 gravuras)	585-590
SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DA FIGUEIRA		
Communicações presentes á terceira sessão de 9 de abril de 1899 (com 8 gravuras)		
A. dos Santos Rocha	— <i>Mobiliario neolithico disperso no districto de Leiria</i>	591-592
—	— <i>Nota sobre um adorno metallico existente no Museu da Figueira</i>	592-593
—	— <i>Estação luso-romana da Pedrulha</i>	593-595
—	— <i>Dado romano proveniente das ruínas de Condeixa-a-Velha</i>	595-596
—	— <i>Necropole luso-romana da Senhora do Desterro, em Montemor-o-Velho</i>	596-598
Ricardo Severo e Fonseca Cardoso	— <i>Observações sobre os restos humanos da necropole de Nossa Senhora do Desterro</i>	598-599
A. dos Santos Rocha	— <i>Lapide sepulchral de Zalamea de la Serena</i>	600-601
Pedro Belchior da Cruz	— <i>Amphora de barro proveniente de Valencia del Cid (Hespanha)</i>	601-602
Pedro Fernandes Thomás	— <i>Nota sobre um grande vaso de barro existente no Museu</i>	602
Pedro Belchior da Cruz	— <i>Arcabuzes de serpe e morrão</i>	603-604
Pedro Fernandes Thomás	— <i>Amuletos do concelho da Figueira</i>	604-605
Augusto Goltz de Carvalho	— <i>Delimitação das antigas villas de Buarcos e Redondos</i>	605
José Fortes	— <i>Lagar de mouros</i> (com uma estampa)	606-608
L. de Figueiredo da Guerra	— <i>Uma povoação subterrada</i>	609-612
Albano Bellino	— <i>Habitación urbana</i> (com 11 gravuras)	613-618
A. Thomaz Pires	— <i>Amuletos</i>	618-622
Mello de Mattos	— <i>Cultura dos trigaes no Alemtejo</i>	622-623
Rocha Peixoto	— <i>Os cercos</i>	623-624
Rodríguez Monteiro	— <i>Os palitos</i> (com 2 gravuras)	625-628
Rocha Peixoto	— <i>A origem d'uma formula magica</i>	628-629
Sousa Viterbo	— <i>As candeias na industria e nas tradições populares portuguezas</i>	629-631
Tavares Teixeira	— <i>Folk-lore transmontano</i>	631-632

NOTICIAS

<i>Alfaiá agricola portuguesa</i> , por F. Adolpho Coelho (com 14 gravuras)	633-649
<i>A Carta geologica de Portugal</i> , por R. P.	650
<i>A colleção archeologica de Albano Bellino, em Braga</i> , por R. S.	651-652
<i>Os portuguezes segundo algumas photographias</i> , por R. S.	653

OS MORTOS

<i>Emílio Hübler</i> , por Joaquim de Vasconcellos (com 1 retrato)	654-656
<i>Luciano Cordeiro</i> , por R. P. (com 1 retrato)	656

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA — <i>Antiguidades prehistoricas da Figueira</i> , por R. S.	657-659
A. GONÇALVES LOPES — <i>Os Beirões</i> , por F. C.	659-660
AGOSTINHO VIEGAS DA CUNHA LUGAS — <i>O angulo biorbital dos cranios portuguezes</i> , por F. C.	660
ALEXANDRE ALBERTO DE SOUSA PINTO — <i>Estudos sobre a mandibula</i> , por F. C.	660
M. ESTEVES PEREIRA — <i>A industria portuguesa</i> , por R. P.	661
VIARIOS — <i>Le Portugal</i> , por R. P.	662-664

COLLABORADORES ARTISTICOS D'ESTE FASC.: D. Clotilde da Rocha Peixoto, E. Corrodi, F. Gil, G. Van Kricken, Hugo de Noronha, L. Battistini, M. Natividade, S. Silvestri, etc.

C LICHÉS DE: Joaquim d'Alreu, M. Carneiro, Sousa Pinto, etc.

Finalmente esta pequena industria, domesticamente manufacturada, de apprendizado espontaneo e simples, cuja actividade tem vindo n'um crescente de vitalidade ¹ está prestes a transformar-se em industria mechanica. E, com effeito, no assombroso inventario dos progressos do seculo XIX, o palito foi contemplado com a sua machina, cuja prodigiosa producção invalidando o braço das activas paliteiras, fará succumbir a tradicional industria de Lorrão e Coimbra.

Como sobrevivencia transitoria d'esta derrocada ficarão talvez os palitos bordados, correndo o reino, levados a titulo de recordação e curiosidade pelos estudantes universitarios que sahirem da terra onde viram pela vez primeira o classico *Palito Metrico*.

Coimbra. Dezembro, 1900.

RODRIGUES MONTEIRO.

A ORIGEM D'UMA FORMULA MAGICA

Em *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, n.º 3-4 do tom. XXIX, o snr. F. Haverfield, na communicacão intitulada *Notes on the Roman Origin of a Mediæval Charm*, pags. 306-7, estampa uma conhecida formula magica, reproduzindo a placa encontrada em Cirencester junta a varios despojos romanos. Por este motivo e outros que addita permite-se attribuir-lhe uma origem romana, a modo de novidade, ao contrario d'outros estudiosos que a consideravam medievaica. Diz mais o escriptor inglez que essa especie de nomina lhe parece ainda empregada em algumas partes do mundo. D'um tatuado portuguez a revelamos nós sob a forma n.º 1, que afinal é, invertida, a mesma que o snr. Haverfield figura (n.º 2):

—SATOR
AREPO
TENET
OPERA
ROTAS—
N.º 1

ROTAS—
OPERA
TENET
AREPO
—SATOR
N.º 2

E já então alludiamos (1891) á interpretacão de Koehler, ante a Sociedade anthropologica de Berlim a que se refere o snr. Leite de Vasconcellos na *Revista do Minho*, tom. I, o qual, e a proposito, ainda transcreve e commenta um artigo de Webster inserto na revista inglesa *The Academy* (R. P., *A tatuagem em Portugal*, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, tom. II, pags. 152-4 e fig. 23 da pl. VIII).

Remedio magico e especie de amuleto, attribuiram-lhe uma origem romana, suppondo-a um estribilho de ritual da Roma pagã, ao deante christianisada. E mais tarde o eminente crimina-

maior parte *cavões*, que só vivem do trabalho da enxada, andam na lavoura alheia aproveitando as ultimas chuvas para lançarem milho á terra.

Ao cabo da rua principal, e fazendo esquina para o largo do mosteiro, encontra-se, á esquerda, a venda do Carlos. Loja suja, dividida por um balcão negro, ao longo do qual vae e vem com passo lento, gesto molle e aborrecido, o dono da casa, quando não anda por Hespanha fazendo negocio.

Era a hora de maior concorrência. Mulheres e creanças entravam de chale pela cabeça, e a troco de palitos levavam bacalhau, assucar, arroz, café, petroleo, azeite, vinho, borõa, phosphoros ou papel de cõr. O palito é ali a *moeda corrente*. Para as transacções entre o mercieiro e os seus freguezes não ha necessidade do intermedio nem da Casa da Moeda com as cedulas, nem do Banco de Portugal com as notas. O Carlos recebe os maços, e examina-os quasi papel por papel, como um usurario examinaria uma peça d'ouro suspeita. Elle bem sabe que se o puderem enganar que não deixam de o fazer; portanto, só depois de verificar se a *moeda* lhe serve é que dá a fazenda que lhe pedem e ella representa. Muitas vezes a *moeda* soffre uma depreciação que elle arbitra, attendendo á qualidade e imperfeição do fabrico; outras então regeita-a sem dó, como se fossem notas falsas; sem reparar que esses maciños, em que á pressa se juntaram lascas tortas, escuras, mal aparadas, representam uma fraude de fome que, ao meio dia, desejaria roer um bocado de borõa.

Verificada a qualidade dos palitos o Carlos atira com elles para diversos repartimentos, segundo a qualidade, e depois exporta-os por sua conta.

(LINO D'ASSUMPÇÃO, *As Freiras de Lorrão*, pags. 5 a 7).

¹ Não se pode precisar a intensidade da producção por falta de documentos officiaes. PINHO LEAL, ao referir-se a Lorrão, elucida: «Fazem-se n'esta freguesia annualmente tres a quatro mil crusados de palitos...» *Portugal Ant. e Mod.*—Actualmente anda por uma dusia de contos annuaes, e perto de mil pessoas se occupam no fabrico. LINO D'ASSUMPÇÃO, *Ob. cit.*—Em Coimbra orça por dois contos, approximadamente.

lista C. Lombroso, referindo-se á tatuagem portuguesa, escreve: «... é uma d'estas formulas magicas, como diz Koehler, do tempo de Roma, remontando talvez até Catão e destinada a extinguir as febres...» (*L'homme criminel*, tom. 1, pag. 300 da 2.ª ed. franceza sobre a 5.ª ed. italiana).

Não offerece pois novidade a ideia e proposta do snr. Haverfield, o qual, citando alguns trabalhos referentes ao assumpto, desconhece outros e nomeadamente o escripto na sua lingua.

A proposito d'esta formula, que pode ser lida horisontal ou verticalmente e da direita para a esquerda ou vice-versa, tornando ou não propicios os deuses, reproduzimos o extracto d'uma carta de Lombroso (1892) ao A. da memoria sobre a tatuagem em Portugal, ao tempo inserto na *Revista Juridica*, tom. 1, pag. 520: «A ultima tatuagem-inscripção que reproduz affigura-se-me sobretudo d'uma importancia extrema, pois vem provar como a tatuagem se prende aos tempos mais remotos em que a escripta era coisa tam extraordinaria para o publico illetrado que assumia o quer que fosse de sagrado ou de diabolico, origem primordial de muitos amuletos escriptos. Ainda hoje entré os selvagens se dá a comer ao doente uns bocados de papel com um verso do Alkorão».

R. P.

AS CANDEIAS

NA

INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS

Ao artigo que publicámos acérca das candeias, no 2.º fasciculo da *Portegalia*, temos a addicionar tres novos documentos e algumas breves observações. Esses documentos dilatam anterior e posteriormente o periodo que delimitáramos á actividade dos *candeiros* ou feitores de candeias, e á introducção pelas alfandegas das *candeias de rezar* vindas do estrangeiro. A indicação historica mais antiga com respeito aos candeiros referia-se ao reinado de D. Affonso v. Podemos retrogradar agora um seculo até ao reinado de D. Diniz. Em 12 de agosto da era de 1365-1327—emprazava Elvira Silvestre, prioreza das donas do mosteiro de S. Vicente de Fóra, (Santa Clara) a Lourenço Anes, *candeeiro* que fóra d'El-rei D. Diniz, pelo preço de 8 libras, umas casas situadas no sitio da Cruz, as quaes haviam sido de Martim Paes Ribeira, e que Silvestre Garcia, pae da dita Elvira Silvestre, deixára a ella por alma de Martim Curvo. Eis na sua integra o interessante instrumento :

A B C
«Sabham todos que eu Elvira Silvestre Prioreza das donas solores do Moesteiro de San Vicente de Fora e nos sobreditas donas desse meésmo damos e emprazamos a uos Lourence Anes candeeiro que foy del Rey Don Denis, hñas casas sottom e sobrado que nos auemos na Crux as quaes forõ de Martín Páñez Ribeira as quaes a nos leixou Silvestre Garcia padre de mju Elvira Silvestre pola alma de Martín Curvo. Damos e emprazamos a uos as ditas casas com sas entradas e saidas e com todos seus dereitos e perteenças que uos que as aiades e logredes e possua-des em dias de uossa uida por tal preito e so tal condiçõ que uos dedes a nos en cada hñu ano oyto libras por dia de San Miguel de Setembro. E uos deuvedes a adubar e a mantēer as ditas cas-sas de todalas cousas que lhyz conprir de guisa que seia melhoradas e nõ peioradas. E a uossa morte ficaren a nos as ditas casas com toda sa benfeitoria sen contenda nēhã. E obrigamonos por todos nossos bēes guaanhados e por guaanhar a defender e enparar a uos as ditas casas de quen quer que uolas demande ou enbargue assy comé huso e costume da terra. E eu Lourence Anes louuo e outorgo todalas ditas cousas e cada hña delas. E obrigome per todos meus bēes guaanha-dos e por guaanhar a comprilas en todo e a pagar a uos as ditas oyto libras en cada hñu ano como dito he. En testemũho desto nos sobreditas partes mandamos a Dominge Anes Tabelliõ de Lix-bõa que fezesse ende dous stromentos dũ tēor partidos por .abc. dos quaes ende téemos senhos. Feitos foron na Cidade de Lixbõa hu chaman a Crux doze dias dagosto era de mil e trezentos e saseenta e cinque anos. Testemunhas Johã Migueez e Affomse Anes irmão de Lourence Anes, Steuã Martinz, Steuã Fernandez pedreiro, Pero Anes Counica e Johã Fernandez e Pero Affonso, Francisco Díaz, Johã Vicente e outros. E eu Domingue Anes Tabelliõ pubrico da dita cidade a rrogo e por outorgamento das ditas partes dous stromentos semelhaujs dũ tēor partidos por .abc. cõ mha mão escreuy e en cada hñu deles meu sinal pugi que tal + he. 1

1 Caixa 112 da *Collecção Especial*, na Torre do Tombo.